Pensamentos de ser um humano

Vida, o que seria à vida? Muitos possuem as próprias respostas, querendo ou não, definir á vida é algo subjetivo. Mas indo para o contexto de ser humano, perguntar o que é a vida, é como um peixe tentar tirar alguma consciência sobre a sua própria capacidade de nadar pois ele mesmo é limitado nessa capacidade, logo fica impossível ele tirar algum juízo de seu nado, porque penso eu que, para tirar algum juízo de alguma condição, precisamos olhar o todo, mas como este todo é inacessível, temos apenas esboços de algo que nos transcende.

Sendo este esboço, manifestado à depender do contexto histórico, regional, cultural e social. Infeliz do homem que indagou: Qual é o sentido da vida?, necessitando de uma certa justificação para a sua miséria, tomar consciência é ser condicionado a procurar um “porquê” das coisas. O ser humano, um ser sempre descontentado, sendo encerrado nos grilhões da monotonia do cotidiano, sempre a mesma coisa, que não é coisa alguma, vivemos na ânsia do futuro, e negamos o têdio do presente, nunca vivendo onde realmente se vive.

Inconformado com o silêncio da vida, sendo lhe dada sem justificativa, e com a prerrogativa de sua inteligência, passou a carregar o próprio cadáver. E por conta de tal silêncio, não o aceitando de forma alguma, passou a inventar “vozes” de respostas para o silêncio, e não só isso, mas também atribuímos a minha voz um valor superior e único, com relação ao outrem. Encarar a realidade como ela é, é insustentável, torna-se muito difícil para o indivíduo consciente, saber que a morte e o sofrimento é algo inevitável, além de tal sofrimento não ter um sentido á priori, trazendo no ser humano uma tentativa de justificar e dar sentido ao sofrimento e a morte, necessitando suprir um falta que nunca é suprida nessa realidade.Somos carentes de sentido, de ideias,pois nosso cérebro aprendeu a se desenvolver atráves da ilusão, de construir cenários em que possamos habitar, além de construir tal cenário em uma lógica linear, mas sabemos que a vida destoa e muito de tal construção. Somos desamparados perante a solidão intrínseca da nossa existência.

A vida não tem sentido, e não precisa ter, pois não tendo, tem muito sentido, uma vez que isso abre uma porta do nada, para infinitas possibilidades de sentido,é uma necessidade da psique humana, sendo ela muito diversificada e complexa,mas trazer um sentido último a vida é tentar enclausurar o inescrutável.

Almejamos a eternidade porque somos efêmeros, sendo a eternidade a pretensa necessidade de superar o comum, o banal, sempre queremos o extraordinário, queremos algo que nos suplanta. Sendo assim, o ser humano deseja aquilo que lha falta, aquilo que dá constraste à sua existência, queremos a perfeição por sermos imperfeitos, mas apartir do momento em que atingirmos a perfeição, ela se tornará um estado, insípido, anódino, já que não terá nada o que contrastar, deparmos então ao um paradoxo, desejamos aquilo que no final rejeitamos.

Deste modo, entendo que o pensamento tanto religioso como científico, é manifestado para entendermos os mistérios que nos circundam e nos move, sendo o científico, mais congruente e com maior capacidade de previsibilidade para justificação de tais fenômenos, mas isto não torna excludente o papel religioso, sendo no final formas de expressão humana, para compreensão dos mistérios que nos cercam.

Entender a vida, tirar algum juízo sobre ela é algo que demanda um esforço contínuo e, além disso, uma certa coragem, pois a vida, este prana, é totalmente abstrato, a vida nos foi dada sem um desejo, pedido, simplesmente existimos e entramos em ressonância ao fluxo socio-cultural de onde nascemos. Ou seja,à depender de onde nascer, irá atribuir certos aspectos da vida, a diferentes deuses, terá uma diferença em sua conduta humana, interpretará o conceito de morte de maneira distinta, trazendo uma diversidade no conceito de humano e vida.

Viver é difícil, lidar com as contigências intrínsecas à ela é algo desesperador e angustiante, e tal sentimento nos leva a autodestruição. Eu me sinto adjacente à esta autodestruição, como disse Fernando Pessoa: “ considero a vida, como uma estalagem, onde eu tenho que me demorar até que chegue a diligência do abismo”. A diligência do abismo!! que forma mais poética de se dizer

da nossa finitude. Mas, me autodestruindo, eu me autoconstruo, tendo a inelútavel capacidade de se manter fixo. Estou fatigado, fatigado de otimismo, de vaidade, de estar fatigado, de ter esta consciência.Estas minha frases, sem nexo, não tendo a pretensão de ter, representa o meu estado psicológico atual, uma profusão de pensamentos e inseguranças, de medos e alegrias, de ser, um ser humano. Olho em minha volta, e percebo que, aquilo que não é humano, não tem ciência, não tem Deus, tem o mais primitivo desejo de todos os animais, que é extinto de conservar a vida efêmera, não é esse, na maioria dos casos, objetivo último tanto da ciência quanto da religião? Nós, seres humanos, temos dificuldade de pensar na eternidade, tanto da morte como da vida eterna, pois nossa consciência é exclusivamente restringida ao presente, podemos até pensar no futuro ou no passado, mas não consiguimos experenciá-lo, tornando algo totalmente fora de nosso controle. Será que a morte, elucidará alguns mistérios concernente à vida? Já que é para onde a vida se encaminha, tenho muito medo da morte, imaginar que um dia deixarei de existir é estranho, desesperador,mas também é consolador...

Eu me desencantei pelo mundo, veio em mim a secura da alma, e não considero tal estado superior aos dos outros, pois ser desiludido de quase tudo, é uma forma de viver, muito sozinha, escura e incerta, mas tais sentimentos decorreram não de uma escolha, mas de uma falta de alinhamento com minha consciência, não escolhi ser assim, simplesmente não consigo ser de outro jeito. Mas entendo, que essa figura cética, ateia, passa para o imaginário popular, uma figura de pessoa erudita, mas isso é um erro grave, é uma idiossincrasia da sociedade moderna, vindo da expansão científicista e tornando a religião como um devaneio sem sentido. Mas acho isso muito pobre de se atribuir características intelectuais. Há sábios ateus e religiosos, como há tolos ateus e religiosos, então o problema não é a crença em si, mas a ingnorância imbricada a tal crença. E isto se torna mais intenso, na modernidade, onde tudo é segmentado, tudo é entreterimento, a aparência muito mais importantes que a essência. E é neste cenário que, homogeinizando diversos aspectos da vida, se torna mais fácil tirar valores e

opiniões consolidadas, trazendo um estilo de vida único e categórico, tornado a certeza quase que uma obrigação para uma vida “civilizada saudável”, porém algumas certezas é um estado consumado, ou seja fixo, te tornando burro, empacado. Hoje e sempre, o ser humano teve a necessidade de pertencimento, querendo ou não era, antigamente, a forma mais eficiente de sobreviver era pertencer à algum grupo, mas hoje não estamos mais em uma selva, suscetível a dinâmica selvagem, mesmo assim temos ainda herdado, tal sentimento, mas agora tal pertencimento não é ao uma tribo, mas em grupos da redes sociais, em ideologias semelhantes, em formas de aparências e estilos, formas de pensar, mas acho que esse sentimento como está sendo manifestado hoje deveria ser algo obsoleto, pois nem sempre todas as características que antes funcionavam faz sentido hoje. Nós evoluímos muito em nossa capacidade intelectual, mas a emocional possui muitas características primitivas.Assim com o advento da tecnologia , esse sentimento de pertencimento, tornou-se uma obssesão e atrelado à autopresentação e atitudes de estar em ressonância com o julgamento do outro, sem contar com outro sentimento primitivo que é a aversão ao outro que não do meu grupo, torna um ambiente propício à intolerância, ao ódio, sendo um briga muito mais de autoafirmação e ego, do que de fato, a busca por crescimento. Além de que, a intolerância é algo que predomina na sociedade, principalmente nas redes sociais, isso surge de querer expandir a minha simplória realidade ao todo, de querer olhar, julgar o outro com minha única e exclusiva lente, querer atribuir e julgar o mundo através de uma única lente, a complexidade e a diversidade humana, é tentar olhar a amplidão do universo com um microscópio. Há muitas coisas que não sabemos, do que ousamos saber!

O ser humano moderno está carente, carente de viver, muitos nega a realidade, outros fantasiam a sua realidade, encarar ela da maneira mais honesta possível é algo muito doloroso, mas também traz uma abertura para a mudança e melhora, mas hoje é nos incentivado de maneira implícita ou explícita a negar tal realidade, mostrando o quanto a cultura moderna está fedendo, suja, totalmente repugnate, mas maquiada, disfarçada, com

ideias e conceitos pré-estabelecidos, quem em muitos casos são vazios e inócuos. Temos sempre a necessidade ser bons em tudo que fazemos, não tendo qualquer possibilidade de ser, às vezes, medíocres. Sim! Medíocres, esta palavra que só de ser proferida, já causa em alguns, um certo sentimento de desgosto. Porque temos que ser extraordinário sempre? Não podemos de maneira esporádica, ser ordinário? Queremos sempre mais, esta insatifação eterna, o desejo insaciável de saciedade, isto realmente se torna benéfico ao ser humano? É sempre produzir mais e mais, sem alguma liberdade de consciência? A vida é muito complexa, para ser reduzida a nossa pequena e frágil consciência, há aspectos irredutíveis a nossa psique a nossa lógica humana. Vendo essa situação hoje, esta tentativa de querer transformar todos em extraordinários, especiais, só vem causando uma sociedade iracunda, cansada e tensa. Querendo ou não, se todos são especiais, logo ninguém é especial por definição e também, para quê ser especial? Não basta ser só você mesmo? E apartir disso, buscar crescer, se entender como ser humano. Este sôfrego da aprovação alheia, dissolvidos em realidades simplificadas, é o que torna uma sociedade tão alienada e frágil. De fato, viver e tomar as próprias rédeas da vida, exige coragem, maturidade, sacrifícios, se tornando um processo extremamente doloroso e inquietante, assim muitos preferem terceirizar tal responsabilidade, em deuses, em ideologias, crenças ou outros nem sequer terceirizam tal responsabilidade. E muito desta negação decorre de um sentimento que o ser humano repudia, que é a incerteza, não conseguindo abarcar tal circunstância à nossa capacidade intelectual, tornando suscítivel a infortúnios e desgraças. Mas construir a sua identidade é estar sempre se defrontando com os limites de seus pensamentos, de sua existência e encarando a incerteza. E isto pode ser uma atividade de apequenamento de sua existência, no sentido de que, nem tudo diz respeito á você, de que, de fato, no sentido universal da vida, você é nada, não tem relevância. Contudo, através desse apequenamento, você começa a enxergar coisas que antes não enxergava, tornando a sua existência, para si mesmo, muito mais rica e honesta. Entendendo que, quanto mais você alarga o

seu campo intelectual, alarga ainda mais o campo de sua ignorância.

Entendendo que , interpretar a vida, tendo sempre uma justificação racional, pode trazer muitas falhas, pois nem tudo- como já escrevi anteriormente- é justificável através da razão, nem tudo tem uma lógica humana por assim dizer. E ter tal pretensão de haver uma concordância pode nos tornar cegos com as nossas certezas.

Eu não sei o que é a vida, não sei de nada! Este mistério que me foi dado pela copulação entre dois indíviduos , por um simples ato-às vezes acidental- que abre um imenso mistério sobre o nada, nada este, que me move, que torna a minha existência algo concreto, que flui de maneira unidirecional, do passado ao futuro, do inteligível para o ininteligível, do tudo ao nada, da vida à morte. Somos circundados por diversos problemas, uns no que toca à nossa efemeridade, ao nosso cotidiano e outros no que tange ao aspecto universal de toda à humanidade, que é: porque existo? Porque sofro? Estas perguntas, são as que movem o ser humano, foi apartir delas- e outras é claro- que desenvolvemos a religião, ciências, artes e outras práticas, todas para atender estes dois problemas relacionado a existência humana.

Vivemos à nossa vida de maneira muito mecanicista, oscilando entre desejo e frustração, entre amor e ódio, entre alegria e dor, entre vigor e cansaço, sempre em busca de alcançar, aquele desejo, aquele amor, aquela alegria, aquele vigor, aquele... vazio, no final esqueçemos que apartir do momento que só olhamos para o futuro, deixamos de existir onde realmente era para estar existindo, que é no presente, temos este poço infindável de sensações, buscamos sempre mais no futuro apartir de uma comparação ao passado, oscilando nesta dicotomia de nostálgico e expectador, não digo que não devemos olhar para o futuro, ou pensar no passado, mas não podemos ficar presos à eles. Desejamos o que nos falta, e como sempre falta, sempre desejamos, mas esqueçemos de uma coisa, somos mortais! Como nos diz o filosófoso Sêneca em sua obra sobre a brevidade da vida que:”o homem tem os medos dos mortais e desejos imortais”. A morte, este mistério tão desesperador para o humano,

mas em contradição, é ela que torna a vida tão especial, é o que torna os momentos mais fugazes únicos, é o que dá valor a nossa existência, é que nos faz querer estar perto e presente de quem amamos, é o que faz aquela conversa banal com quem a gente ama, algo mais especial e deleitoso naquele momento, pena que muitas vezes só temos consciência plena de tal sentimento quando ele não o está mais presente , quando já se desvaneceu, quando se tornou memória de saudade.É nessa fugacidade da vida, que amor se torna vigente, pois o que é o amor, senão o encontro de duas forças transitórias, com o intuito de querer transformar o momento em eterno, ou seja, por saber que um dia acabará, é que temos este contraste com a eternidade, só amamos porque sabemos que um dia acabará! Tal é a frase de Vinícius de Moraes:” Que seja infinito enquanto dure!”

Pense, cada segundo que passa, é um segundo que nunca mais se repetirá, portanto é especial, mas não é especial em sua grandiosidade, pelo contrário, é especial em sua pequenez, inútil, banal especialidade, que constrói a minha existência, eu não vivo para momentos grandes, vivo para momentos, tão banais como, beber água, chorar, cantar, conversar, reclamar, é nisso que está a nossa vida, está em experenciar o cotidiano, da maneira mais honesta e simples possível.

Somos tão exíguo, fracos, desamparados, passageiros, mas que carregando uma massa cinzenta, apartir de um sustentáculo de carne, conseguimos em parte, pensar em noss fraqueza, e ter uma consciência do imponderável, do mistério, da vastidão do universo, do infinito, seja lá o que for! Viver é extirpar de maneira constante o tempo, e não viver é deixar o tempo extirpar de maneira constante a sua existência!

A vida em si é dor, basta olhar o parto, para uma mulher parir uma vida, há muita dor, é algo que está imbricado ao ser humano. Experenciar a vida, traz consigo uma demasiada dor, mas dor não é sinônimo de sofrimento, o sofrer pode decorrer dela, mas também pode decorrer, o crescimento, amadurecimento, portanto, a dor quando se torna conscientizada pelo indíviduo, abre uma possibilidade de mudança!

Principalmente hoje, temos pavor a dor do sofrimento que muitas vezes ela causa, e com isso preferimos não ter tal dor, o problema é que, se não passar por tal processo, se sofre muita mais do que se estaria sofrendo anteriormente. O nosso problema hoje, é não querer viver de maneira ativa, queremos só o simulacro da vida, não querer estar presente de maneira ativa na vida do outro, a nossa incapacidade de estar sozinho, ter um momento de escutar esta voz que está aí dentro, de ponderar sobre si mesmo, procurar a entender a nós mesmos, pois os mistérios que nos atravessa está inteiramente contido em si.

Procuremos julgar menos, criticar, as vezes esta atitude engendra um sentimento de superioridade intelectual, de enxergar algo que o outro não vê, mas partindo do pressuposto de que criticar, julgar, é fazer uma análise racional e sendo a racionalidade, um modelo moral aplicado na capacidade intelectual, então o julgamento carece de sua totalidade, assim tornando ele algo simplificado. Precisamos nos livrar deste vicío de crítica, essa capacidade excessiva de julgar,estamos isento disso. Podemos julgar aspectos relacionados a nossa vida, se vou para esquerda ou direita, mas julgar o outro é algo que não nos cabe.

Estou perdido nestas profusões de consciências, nestes eu’s que nem sei mais quem o é, carrego minha vida como um louco, sem saber aonde vai e sem saber onde está. Percebi que, viver nada mais é do que o aprendizado para à morte. E porque morrer? Isto é algo que foge a minha consciência , talvez eu saiba quando chegar a minha hora. Me encontro em um processo em que, o ganho de conhecimento não me traz mais voz e confiança, mas o silêncio e a desconfiança à tudo. Estudando, percebo em mim, não uma opinião mais embasada, convicente, sólida, pelo contrário, constrói uma desconstrução de opiniões e certezas, tendo mais consciência da limitação sobre a nossa capacidade de julgar e opinar.

Ser um ser humano é difícil, cada um em seu contexto histórico teve de enfrentar suas dificuldades, seus demônios, teve perdas e ganhos, choro e alegria, mudanças, mudanças estas inevitáveis, pois isto está

imbutido no que a gente chama de vida. Vida é isso, é a intransitoriedade da mudança, vida é a morte se perpetuando, mudando.

Estou aqui em meu quarto, estático, preso em minha consciência, consciência essa que se manifesta a cada sofrêgo de dor, esta dor que me segue, que faz parte de mim, que não consigo manifesta-lá, algo surdo, discreto, interno. Ah vida! Quantas angústias está reservada para um único homem? Talvez, todas! Esta é a vida, cheio de ganhos e perdas, de graça e desgraça, sempre nessa dicotomia, sendo nós totalmente atravessados por este dualismo que concretiza a nossa realidade, muitas vezes não sabendo o que se está fazendo, apenas existindo. Percebi que viver, não é um simples ato de experenciar o meio externo e tirar o maior proveito deste, dada as circunstâncias, mas é experenciar antes de tudo á si mesmo.

Estou com uma dor insensitiva, uma dor que é tão profunda que se torna rasa, uma dor na alma inquieta, esta dor que não possui um prognóstico, apenas um vago diagnóstico de algo que me anula. Dor esta que, decorre da minha lucidez de minha existência.É algo que se torna indescritível, mas que está encrustrado em mim, me tornando apático sobre muitas atividades da vida, me tornando sozinho, perdido e totalmente confuso.

Sou humano, suscetível a diversas vicissitudes da vida, suscetível a fazer o bem ou o mal, dependendo das circustâncias que somos obrigados a encarar.Viver de maneira lúcida exige muita coragem, exige humildade e honestidade, pois tendo consciências das coisas, muitas vezes deparamos com coisas que a nós são desagradáveis, coisas que não queremos ouvir, não queremos ver, pois nos tira de nossa zona de conforto, atinge o nosso ego, por isso que muitos preferem manter a dor e os problemas, pois talvez seja a única coisa que o mantém estático, que legitimiza seus atos, que é conhecido e portanto torna mais “confortável” a sua existência. Não temos controle sobre muitos aspectos que nos circundam, podendo de um dia para outro chorarmos ou rir de alegria, mesmo assim possuímos uma infinidade de possibilidades que podemos concretizar, uma infinidade de eu’s que pode se transformar através dessas

possibilidades e tendo a total responsabilidade de julgar as minhas decisões, é isso que nos falta, ter a reponsabilidade de julgar nossos atos e decisões, procuramos muitas vezes fugir de tais situações, sem parar para pensar, que fugir é uma forma de julgar e decidir a sua vida, estamos fadados a sempre escolher, é como disse Sartre filosófo françês: “estamos condenados a ser livres”.Todos nós, temos os nossos pré-conceitos para julgar a realidade e muitas vezes projetamos tal pré-conceito à totalidade e com o passar do tempo, tais pré-conceitos vão se tornando obsoletos, muitas vezes precisando de mudanças sobre formas como interpretamos a realidade, muitos se corroem, se frustram, pois continua com a mesma lente de pré-conceito, interpretando a realidade e a si mesmo de uma maneira que já não mais possui uma consonância com o que está existindo.

O ser humano, possui uma necessidade de sempre se projetar a cenários fictício ou reais, tanto numa perspectiva pessoal como uma perspectiva do genêro humano, nos projetamos para tornar o ambiente mais “seguro”, familiar e “totalmente” controlável, a personificação das coisas, engendramos seres semelhantes a nós mas com um toque de transcedência, a humanização do mistério, tudo para tornar mais suportável a vida, mas até esses tipos de “solução” nega a realidade presente, até porque não existe solução, pois ter uma solução é partir do pressuposto de que haja um problema, mas a vida não é um problema a ser solucionado é um mistério a ser desvendado.

Hoje muitos de nós, julgamos e definimos a nós mesmos em termos utilitários, ou seja, através de um meio para outro,um papel a ser feito.E quando tal meio já não existe mais, deparamos com um vazio existencial, algo que antes nem passava pela cabeça, se torna totalmente imposto e vigente agora, vindo a pergunta: “quem sou eu?”.Buscar utilidade é importante, mas só isso não faz um humano, faz uma máquina que não pensa, só age conforme o que lhe é imposto. A pergunta que fazemos é a seguinte: Será que nós estamos nos fazendo de máquinas? Será que você esta olhando a si mesmo com a lente do outro? Da sociedade? Esta procurando

uma aprovação alheia de si, se submetendo a situações desagradáveis ou mesmo fugindo de si mesmo? Pense sobre isso, pois quando chegar a hora, já será tarde demais...

Nós humanos, somos muito carentes da atenção do outro, mesmo de maneira indireta, é da nossa natureza ser assim, querendo ou não, pertencer a algum grupo no passado, garantiria uma maior chance de sobrevivência e longevidade, trazendo isso ao presente,possuímos ainda esta característica, mas agora o nosso objetivo não é sobreviver de fato, mas é se sentir pertencido, pois somos seres sociaveis, o problema está que, muito desse pertencimento que tanto desejemos, não esta se tornando algo benéfico, muitas vezes levando tal sentimento a intolerância, ódio, sentimento de superioridade, nos fazendo refletir sobre como a natureza humana encaminha com o desenvolvimento cognitivo, nós evoluímos muito na questão intelectual, mas parece que deixamos para trás nossa questão emocional.

Vejo muitos hoje,omissos sobre a sua própria vida, vivendo o cotidiano sem ter propriamente vida, sempre reclamando, frustrado e nos pequenos e fugazes momentos de prazer, é que se esquece por um momento do peso insuportável de sua existência, sendo um ciclo infindável, que depois se torna um moribundo, desolado em uma vala qualquer. Indagamos: “ o que aconteceu com nós, seres humanos? Onde foi que nós se perdemos? se é que houve algum dia em que não estavamos perdidos.Onde está a vida? Cadê toda aquela primazia da intelectualidade humana? Talvez não sejamos tão incríveis como gostamos de nos parecer, talvez falta honestidade em nós mesmo, mas tenho a impressão que nós vamos nos autodestruir, de que talvez não passamos de seres irracionais com uma prerrogativa da consciência, nos tornando ainda mais cego sobre a nossa irracionalidade.Ah...viver está sendo díficil, quer dizer, insuportável, tudo acelerado, sempre querendo as coisas de maneira mais rápida e eficiente possível, sempre procurando aproveitar o máximo possível do tempo, sem perceber que isso só esgota e torna á si mesmo mais doente, é triste que muitos morrem sem nem perceber que não viveram para si mas para os outros, para uma

empresa, sistema, para tendências, para o trabalho. Não temos mais tempo para pensar e quando tem está cansado, só querendo suprir tal cansaço em escapismo,subterfúgio ilusórios de prazer, não que ter prazer seja algo ruim, mas que quando usado como forma de anestésico e sedativo dos nossos problemas, torna dependente de hábitos prejudiciais. Sempre precisando de um barulho pra calar esta voz aí dentro, não conseguindo as vezes ficar um minuto com com si, mas esquecemos que esta voz é nós mesmos, de que ela está ali, não para nos prejudicar, mas para gritar,alertar de que algo não está certo consigo mesmo. Lembre-se que muitas das nossas felicidades, não todas, são sofrimento conscientizado. Essa voz que te humilha, que te desencoraja, e que por mais cruel que seja, é a si mesmo e surge como um sintomas decorrido de sua própria existência, indicando de que algo está clamando por mudança, de que aquele pensamento não nos cabe mais, de que aquele hábito já não é mais importante.Procure si ouvir mais, de forma honesta, humilde, sincera e com isso mudar. Entenda que, o que te constrói é o simples ato de concretizar a possibilidade, tendo responsabilidade nesta concretização.

É estranho penser que em algum momento do futuro, tudo se esvai, que esta minha vida tão insignificante, um dia não terei mais, chegará um dia que os momentos de conviver com meus pais e meus irmãos acabará, que os meus gatos um dia irá embora, não me acompanhando mais em meus estudos, banhos, sonos, na cozinha, aqueles momentos banais como de ir a escola, que tantas vezes reclamava, nunca mais irá voltar e que de vez em quando bate uma saudade. A saudade, porque ela dói tanto? Porque tanto medo da finitude das coisas, se ela está totalmente imbricada na vida de maneira literal e simbólica? Se é algo tão banal, quanto números que é apresentado em uma noticiário qualquer da televisão, porque à tememos tanto? Talvez seja por ser um mistério inevitável da perene não-existência, não sabemos lidar com os mistérios e com características eternas, sendo nós fadados ao esquecimento e a inexistência. E é nesses dois aspectos, que para mim, emerge o papel religioso, no sentido de nos reconfortar em relação a morte trazendo

uma solução totalmente negadora da vida presente e nos assegurando dos reveses da vida que a fortuna nos impõe, assim tentando responsabilizar e encarregar um ser supremo de coisas que estão fora de nosso controle.

Um dia, nada disso fará sentido, aquele medo, aquela insegurança, aquela alegria, aquela tristeza, aquela dor, aquele amor, se dissipará quando estiver no leito de sua morte, inconsciente, esperando a última expiração, a expiração de uma vida inteira, construída atráves do amor, do ódio, da dor, da alegria, tudo se desvanece, e tudo se encerra para você, pois a vida em si, não mudou nada, as coisas continuarão como elas são, talvez uma mudança ali outra aqui, mas no fundo nada mudou. Pensar que somos finitos é desesperador, mas pensar em viver eternamente é mais desesperador ainda, no final não tem escapatória, querendo ou não somos humanos no fim das contas... somos um paradoxo ambulante, somos o infinito e o finito, somos uma dicotomia de coisas que se cancelam, mas que mantém a harmonia.

A vida é a morte se perpetuando, o tempo todo morre células de seu corpo, aquela criança que você era, morreu, foi enterrada no campo de sua alma, uma parte sua tem que morrer para abrigar uma nova vida. A morte traz uma nova possiblidade de vida. Não sei o que é morrer, mas também não sei o que é viver e tenho medo de descobrir a primeira antes da segunda.

A saudade dói muito, porque é uma manifestação do passado e quando se é passado se torna mais leve, aprazível, pois não está mais vigente, existe apenas em nossas memórias sendo suscetível a deturpações naturais de nossa mente, quando queremos preencher lacunas de nossas memórias, sendo muito mais fácil tirar algum juízo daquilo que se passou do que aquilo que está se passando, tornando o cenário muito mais claro, bonito e também simplificado, mostrando que a saudade surge como uma forma de reconforto para o presente. A saudade em si não dói, o que dói é o sentimento de incongruência e insatisfação de sua realidade, junto à ela. Tendo um certo desgosto e infelicidade a sua condição atual, caindo na armadilha de que no passado era melhor, talvez em alguns aspectos seja mesmo, mas a vida em sua pluralidade, não permite definir se as coisas eram

melhores ou piores, devemos nos desprender de atribuir sempre uma característica moral a tudo, não somos juízes, somos seres adaptavéis as circunstâncias. Considero também que muitos são saudosistas, por conta de que no passado se está mais longe da morte, da decadência física e mental, e por conta disso, muitas vezes queremos mais o passado do que o futuro.

Mas como lidar com esse desespero inevitável da existência humana? Acredito eu, em uma mudança sobre o conceito de morte, de morrer, como já disse, a morte é uns dos maiores mistérios que a mente humana enfrenta, logo se torna algo muito difícil de lidar, mas tentando trazer uma interpretação diferente sobre tal mistério, talvez torna esse processo menos desesperador e doloroso. A gente pode morrer a qualquer instante, isso nos faz querer nos prender ao presente com receio do futuro, nesse caso o problema está em você não estar aberto ao novo a mudança inexorável da vida, devemos ter um equilibrio entre algo que está acontecendo e de algo que pode acontencer, não devemos ficar presos somente ao passado, futuro ou presente, devemos mesclar tais estados e saber tirar o maior proveito que a vida pode lhe proporcionar através de si mesmo. Então digo que a morte é sim desesperadora, de que é muito incômodo saber que podemos morrer a qualquer momento, mas isso não deve o aprisionar em um medo que o paralisa à vida, querendo ou não, na vida sempre tem algo que vale a pena ser vivido, por mais pequeno, inútil e banal, então mesmo que tais pensamento te domine use esses pensamentos como uma forma de saber se localizar em sua vida em como esta conduzindo ela, pois a morte é algo que no fundo não nos cabe de fato entendê-la mas apenas espera-la como se espera na fila de um hospital, não querendo de forma alguma mais necessário para suprir a dor. Isso me faz lembrar de uma frase de um filosófo françês chamado François de La Rochefoucauld que diz o seguinte: “não se pode olhar de frente nem o sol nem a morte.”Ou seja, pensar na morte é um processo que nos cega da vida. Mas acredito eu que, pensar na morte é um processo que nos torna mais lúcido perante a vida, não nos cegando mas nos fazendo

enxergar a singularidade das coisas em sua temporalidade.

Estou sentindo um certo desânimo, frustração, um desconforto com a mim mesmo, fico pensando nessa monotonia do dia dia, nas possiveis possibilidades de mim mesmo que não existem, nas que poderia existir, e nas que existem, nas mudanças pequenas de cada dia, sendo nunca plenamente igual ao dia que já passou, é tudo muito estranho se parar para pensarmos com cuidado, mas sei lá, continuo vivendo, sendo única possibilidade que tenho.